

Henoc ou a inauguração da vida

Henoc or the inauguration of the life

Arcângelo da Silva Ferreira¹

“Ao meu destino que é doçura e vício, (...)”. E fecha o livro. *Amanhã continuo.*

Amanhece. Ontem havia deixado restos de hoje ou vice-versa. Teias no chão, roupas espalhadas pelo teto, uma mesa e moscas sobre jeans sujos; insetos perseguindo restos num prato em baixo do beliche; óculos sobre a pia do banheiro. No ralo, vermes microscópicos; um *dom Bosco* vazio; no canto direito de quem sai, a única porta.

Deitados no beliche estão dormindo. Ele, acordando. Olhando para baixo, no piso de tacos encardidos está o livro; na página marcada...“Obedecerei como um predestinado; (...)”. Mas, fecha logo em seguida, porque naquele instante prefere, preguiçosamente, sair da rede e procurar a janela, ver o dia. *Azul?*

Leva rapidamente as mãos sobre seus olhos, imaginando por instantes, como seria falar das nuvens sem jamais ter observado os tigres que se forjam na metamorfose das cores. Seria como inventar uma outra Cidade, talvez pudesse ter pensado.

São as primeiras horas da segunda metade do dia. Algo parece estranho para uma rua localizada no coração da cidade. Da sacada, os sinos e o cocar do teatro, *é sábado!*

Um fardo cai sobre seus ombros raquíticos. Então decide voltar pra rede. Abre novamente o livro, quer ler o poema, e ...“*Mártir sem culpa, dócil condenado, (...)*”. Repentinamente, há chuva e há imensa lembrança, como quem sorve a tarde olhando para o grande rio da memória.

De súbito, estão batendo à porta. Antes ouviu o telefone tocando. É pra você. Deixa o livro, levando o lápis que usava pra marcar as páginas. *Sim?*

Do outro lado em uníssono um grito surdo e, disseram, tão forte. Mas tudo que restou foi a grafia deixada na parede do 202, onde ainda hoje se lê:

manto de chuva

no silêncio das Acácias -

1 Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Professor de História no Uninorte. arcasferreira@hotmail.com

hora de partir.

Larga o aparelho olhando pro pequeno vão do corredor. Agora, se despede do segundo andar, descendo os sete degraus a caminho da Rua. Depois do telefonema as nuvens pareciam monstros, os anjos da noite anterior: sinal indecifrável.

Não queria ficar sozinho, nem tão pouco desprezar a amizade das avenidas que àquela hora começavam a cuspir carros ridículos. Como era bom te abraçar celebrando a vida, nas madrugadas, lembrou das huris.

Chega no cruzamento e, no domingo, me disseram que ele se perdeu nas pessoas que corriam para vê-lo! Que tinha o olhar juvenil, o andar feliz.

É hora de pegar a Sete, decide, depois de ver os olhos verdes se abrirem.

Me disseram que a chuva parou. O vento era úmido. O rio, imenso. E, ainda naquele plano, ele viu flores nas páginas do livro que carregava em seu bolso, agora em suas mãos, quando leu uma estrofe nas metáforas revestidas de carne:

“Cujo fervor, porém, atíça o suplicio.”

E se fez a noite. Eterna. Mas, ficou o sorriso e o brilho de seus olhos como pegadas na lápide do tempo.

À memória de Bruno.